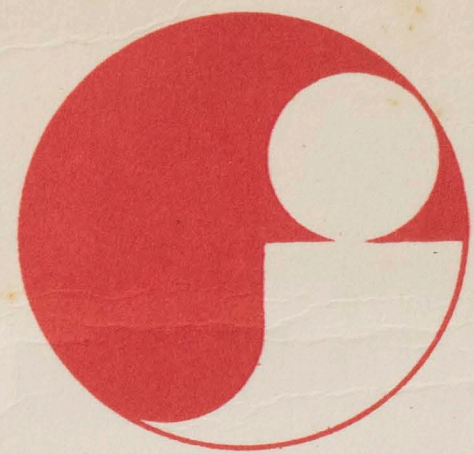


galeria de arte ipanema



**inauguração - 8 de agosto - 21 horas
até 18 de agosto de 1972**

4 DESENHISTAS

TEXTOS DE ROBERTO PONTUAL

1972

*catálogo
da 1ª exposição
do Instituto de Arte (Zama)*

Instituto de arte contemporânea

**rua farne de amoedo, 56 - zc 37
tel.: 267-1897 — rio de janeiro - gb**

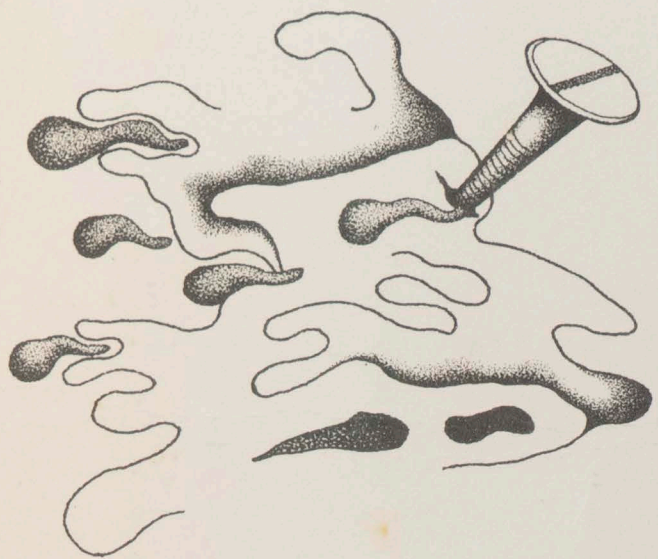
galeria de arte ipanema



inauguração - 8 de agosto - 21 horas
até 18 de agosto de 1972

4 DESENHISTAS

TEXTOS DE ROBERTO PONTUAL

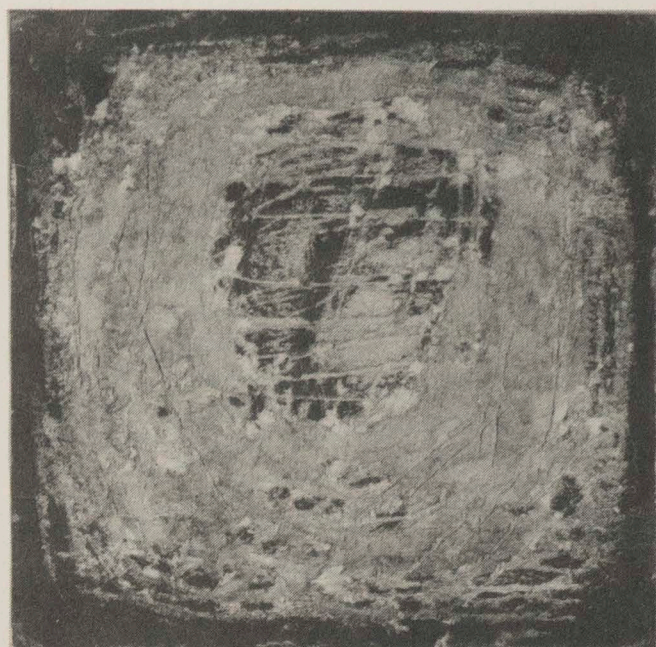


ZAMMA

Apesar de essencialmente desenhista, artesã do bico-de-pena, Zamma tem-se preocupado com o trabalho em outros campos, interligando sempre, em cada caso, sua linguagem de simbologia erótico-crítica. Durante certo tempo, realizou uma série de gravuras-colagens obtidas com a impressão de matrizes de xilo sobre grandes ou pequenas fotografias reproduzidas em jornais e revistas, ou com a superposição do próprio papel gravado sobre recortes de ilustrações. Já nesta série o ato de justapor indicava um desejo de substituir o plano pelo espaço ou de ao menos ampliar o âmbito do plano por seu acúmulo em camadas. Assim, os objetos e a tendência a ambiente constituem hoje o núcleo da atividade de Zamma.

O desenho-objeto e o objeto-desenho de agora, incorporando o acrílico, mantém as constantes de seu trabalho anterior: fluxo onírico, humor, ambigüidade, intenção crítica, mecanismo fundindo arquétipos e contemporaneidade. Há detalhes novos, perceptíveis sobretudo nas peças voláteis de máquinas e instrumentos, como a indicar a origem dessas fatias humanas habitantes do ar branco do papel, e na carga simbólica que se acrescenta à própria geometria tridimensional do novo suporte. Mas tudo, na prática de Zamma, continua se voltando para um mesmo alvo: a denúncia de circunstâncias de uso e opressão da mulher na engrenagem vária e voraz do nosso mundo de hoje: a mulher manamente fornecida.

ZAMMA (Dilze de Oliveira Lima Soares) nasceu no Rio de Janeiro, 1936. Estudou com Ivan Serpa no MAM da mesma cidade. Começou a apresentar seus trabalhos em 1967. Recebeu prêmios no V Salão de Arte Contemporânea de Campinas (1969) e no I Salão Nacional de Arte Contemporânea de Belo Horizonte (1969). Com a Equipe Triângulo, conquistou o 1º prêmio no Salão Mostra de Arte do Sesquicentenário (GB, 1972). Expôs individualmente no Rio de Janeiro (1969 e 1970) e em Munich (1970).

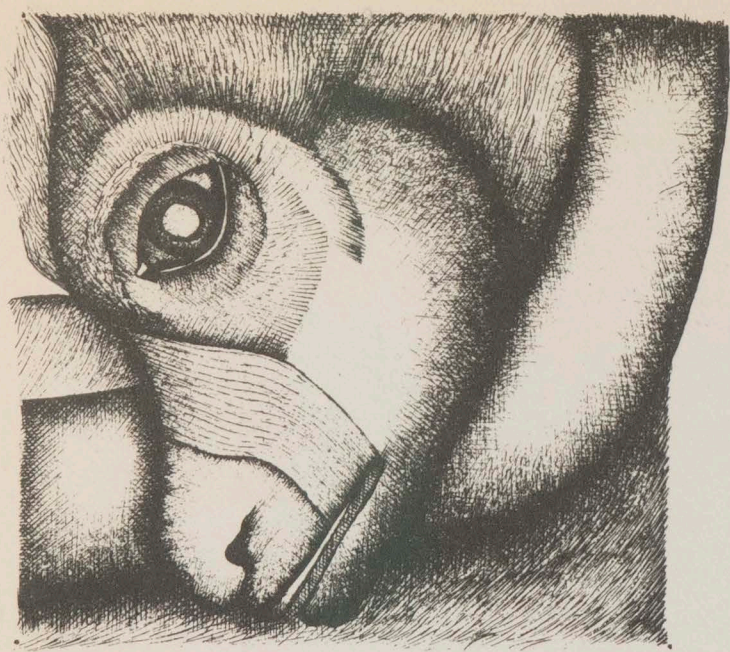


VINÍCIO HORTA

Para quem se acostumou com o desenho mais característico de Vinício até algumas semanas atrás os trabalhos de agora darão, à primeira vista, uma idéia de ruptura muito brusca com o seu desenvolvimento anterior. No entanto, analisados em profundidade eles representam exatamente o fruto preciso dessa coerência que vai por dentro das coisas e que nem sempre se mostra clara. Na longa série de desenhistas surgidos entre nós nos últimos três ou quatro anos, com busca de envolvimento erótico, Vinício destacara-se por levar à consequência extrema, talvez mais do que ninguém, o lado mórbido desse erotismo. A sensualidade comum em tantos outros, tratada em termos de álgida beleza, era nêle substituída por visões de maceração-falos ameaçados, corpos com punhais descendo, restos de amarelos e roxos escuros, a ânsia, a dor, a agonia e a alegria da dor.

Nos desenhos de agora, a maior parte desses elementos parece ter desaparecido. A figura já quase não existe, os instrumentos da dor também não. Mas, na verdade — e isto é que importa — todos os antigos elementos sofreram aprofundamento e maturação, especialmente no que se refere ao ato de macerar-se. O que Vinício começa agora a entregar no seu trabalho não são figuras que estáticamente se dilaceram e se autopunem com tranqüila convicção de caminho: êle nos entrega seu próprio gesto de dilacerar, dilacerando a superfície previamente preparada do papel, como um fogo que ainda não consome tudo para deixar que o resíduo seja a melhor marca de sua passagem e ardência.

VINÍCIO HORTA nasceu em Barretos, SP, 1942. Vindo para o Rio de Janeiro, apresentou pela primeira vez seus trabalhos em 1964. Recebeu o 1º prêmio de desenho do I Salão de Verão (GB, 1969), medalha de prata na I Bienal Americana de Artes Gráficas (Cali, 1971) e prêmio de aquisição no III Salão Nacional de Arte Contemporânea de Belo Horizonte (1971).



GUITA CHARIFKER

O desenho de Guita absorve, acasala, manipula e organiza o sonho. Diferentemente de Vinício Horta, ainda que armada de comparáveis referências eróticas, ela busca a memória menos árdua das formas liricamente simbólicas, campo de transfigurações para fixar o vôo e o andar de seus animais humanizados, de seu povo e retratos se ampliando em peixes, borboletas, tartarugas, rãs, gatos, serpentes. Um zoogente que se dispõe a romper os limites inconsúteis entre a cidade diária, com seus mecanismos de rotina e petrificação, e a cidade fabril do imaginado, permanente ar. De que modo descobrir as margens se há apenas um rio: o rio?

Este é um país de Alice. Na disposição quase monocromática de seus traços e manchas, Guita nos guia por um fio de antecâmaras, ambivalências abrigando ambas as camadas do real, o sonho transposto em sistemas de dizer as coisas com a seiva de haver sonhado. Percorre-se primeiro a memória próxima, o dia aberto com seus detalhes nítidos do que parece recém-tocado e recém-partido; depois, sobrevem a ponte e o mergulho: tateio agora um subterrâneo de animais incendiados ou de fantasmagórica precisão entomológica, o exato se volatilizando, progressão para uma zona de mar primevo, raros vegetais, limos de verde, lamas de iôdo. Guita sobretudo se sonha, como alguém que buscasse sua sede, o ponto de fusão entre vida no espaço do mundo e vida no espaço de si mesma, seu pátio e espanto de saciar a sede. Um real, assim, em sonhamento.

GUITA CHARIFKER nasceu no Recife, 1936. Iniciou estudos de arte em 1953. Desde 1970 reside no Rio de Janeiro. Recebeu prêmios de aquisição no XIX Salão Nacional de Arte Moderna (GB, 1970), II Salão Nacional de Arte Contemporânea de Belo Horizonte (1971) e XXVIII Salão de Artes Plásticas do Paraná (1971). Expôs individualmente no Recife (1962, 1963, 1965) e no Rio de Janeiro (1970, 1972).



PEDRO DOMINGUEZ

A minúcia e a infância definem o desenho de Pedro Dominguez. Lado a lado, elas inventam um labirinto de procura e de retorno, demarcando um caminho que não se encerra, pois nêle estão contidos o ir e o voltar, o ser adulto e o ter ainda o espelho criança, o hoje e o muito ontem. Um vento, como exercício de memória, parece colocar em movimento cada um desses incontáveis detalhes, para que o papel não se transforme em espaço estanque, leito parado, depósito de ruínas; o papel é, por esse rumo, a possibilidade das coisas novamente acontecerem, com todo o rumor de cena, com todo o palco sob uma luz antiga, arduamente acumulando a claridade miniaturizada de cidades, ruas e casas em meandros, onde as crianças transbordam, incontidas no vôo e na passagem.

Tudo em teatro. E isto relaciona diretamente a dupla atividade de Pedro Dominguez como desenhista e autor-diretor de diversas peças infantis. Os palcos — do papel e do espaço cênico — terminam se identificando numa mesma atitude de fantasia que não elimina o real, mas o recompõe em termos de uma nova área e amplitude, como a indicar a proximidade e a fusão de mundos que apenas na aparência sugerem a distância ou o conflito. Não se veja em Pedro Dominguez — como, de resto, nos outros desenhistas desta exposição — um ausente, um determinado à fuga: êle sabe que para esgrimir com o cotidiano há mais armas e mais surpresas do que as impostas pela anestesia da vida em sono.

PEDRO DOMINGUEZ nasceu em Buenos Aires, 1936. Desde 1962, já no Brasil, vem dando cursos de teatro de fantoches e expressão corporal no Rio de Janeiro. Na mesma cidade, dirigiu vários espetáculos teatrais com peças de sua autoria. Entre 1967 e 1968, participou de algumas mostras de artes plásticas, inclusive da VIII Bienal de São Paulo. Recebeu premiação no Salão de Arte Religiosa Brasileira (Londrina) de 1967.